REFLEXÃO

RESENHA

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos

Apoio
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Projeto de Monitoria (995)

Conflito de interesses
Não tem conflito de interesse.

Recebido
16 dez. 2025

Aprovado
22 maio 2026

Nas raízes da fenomenologia: introdução à fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius

At the Origins of Phenomenology: An Introduction to the Phenomenology of Edmund Husserl, Edith Stein, and Hedwig Conrad-Martius

Luís Gabriel **Provinciatto**[1], Christian Luan da Silva **Carmo**[2], Diórginis Henrique Jovelli **Pinho**[2], Rafael **Xavier**[3]

[1] Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para: L. G. PROVIINCIATTO. *E-mail*: <luis.provinciatto@puc-campinas.edu.br>.

[2] Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Faculdade de Filosofia. Campinas, SP, Brasil.

[3] Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Faculdade de Teologia. Campinas, SP, Brasil.

Como citar este artigo: Provinciatto, L. G. *et al*. Nas raízes da fenomenologia: introdução à fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius. *Reflexão*, v. 51, e2617919, 2026. https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e17919.

Resumo

Recensão crítica da obra *Nas raízes da fenomenologia*: *introdução à fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius*, publicada em 2025 pela editora Ideias e Letras.

Abstract

Critical Review of the Work At the Foundations of Phenomenology: An Introduction to the Phenomenology of Edmund Husserl, Edith Stein, and Hedwig Conrad Martius, published in 2025 by Ideias e Letras.

Resenha

Organizada em três capítulos, *Nas raízes da fenomenologia*, de Ales Bello (2025), propõe uma incursão à filosofia de Edmund Husserl (1859-1938) e de duas de suas discípulas, Edith Stein (1891-1942) e Hedwig Conrad-Martius (1888-1966). Mais do que uma abordagem introdutória, no sentido panorâmico do termo, Ales Bello realiza uma investigação pormenorizada em torno a temas específicos: redução transcendental, eu e mundo em Husserl; corpo, psique e espírito em Stein; filosofia e ciências da natureza em Conrad-Martius.

CC BY

Na *Introdução*, Ales Bello destaca a importância do "fazer escola" de Husserl, no sentido de oportunizar a seus/suas "discípulos(as)" a investigação fenomenológica de determinado âmbito da realidade: "as suas aulas sobre *natureza* e *espírito* constituíram o programa de uma série de análises realizadas por seus colaboradores" (Ales Bello, 2025, p. 16). Destaca, com isso, um *método* de trabalho em torno à fenomenologia como *método* de pesquisa. Isso é o que impulsiona o livro em direção a Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius, escolhidas pela autora com o propósito de visibilizar a presença e produção feminina na fenomenologia.

O foco do primeiro capítulo está na reconstrução histórico-filosófica do método fenomenológica. Suas cinco partes organizam a exposição tematicamente: a primeira aborda a "redução fenomenológica"; a segunda a concepção fenomenológica de "transcendental"; a terceira delineia a fenomenologia como base para uma ciência de rigor; a quarta traça uma antropologia fenomenológica; e a quinta trabalha os temas da ética, política e religião.

Ao propor um método, cujo objetivo é o retorno às coisas mesmas, Husserl articula uma fundamentação rigorosa das ciências e da própria filosofia, estabelecendo uma crítica às posições psicologistas, que sujeitam a lógica às leis do pensamento. A esse modo de proceder se denomina "redução fenomenológica" (*epoché*), que consiste na mudança de atitude e de interesse, o que possibilita a abertura à filosofia. Cada visão individual (intuição) pode ser colocada em essência (*Wesen*, *eidos*) por meio da redução fenomenológica, o que gera um novo objeto em relação ao objeto empírico. Esse novo objeto, embora fruto de uma visão empírica, já não é mais de tipo experiencial, mas consiste na "consciência de algo". Como consta em Ideias I, a fenomenologia se configura como uma ciência *a priori*, que se dedica ao estudo das essências e da ciência das essências, procurando legitimar um conhecimento essencial, afastando-se das abordagens naturalistas e psicologistas.

A partir disso, Ales Bello apresenta a compreensão que Husserl desenvolve para o *transcendental*. Divergindo de Kant, o filósofo preleciona que, por transcendental, entende-se como a consciência, a partir da redução fenomenológica, permite a constituição de sentido do mundo, das coisas e evidencia um *eu puro*. Portanto, não se trata de uma psicologia empírica, mas da compreensão da consciência *a priori*, sendo possível, então, demonstrar como a consciência pode identificar os predicados essenciais das coisas, do mundo e do próprio eu.

A compreensão do transcendental conduz a uma antropologia fenomenológica, cujo ponto de partida é a análise das vivências e de suas operações para chegar à noção de um eu puro. É preciso fundamentar como a consciência reconhece outra consciência, ou seja, a intersubjetividade, que encontra na própria subjetividade a abertura para a alteridade. O principal conceito que Ales Bello analisa aqui é o de *entropatia* (*Einfühlung*), que permite a compreensão e comunicação com o outro. Há uma correlação natural entre o *eu* e os *outros*, o que fica evidenciado por meio da percepção, que possibilita a relação do eu com o mundo, com as coisas e com os outros em sua corporeidade. Contudo, a partir das vivências, o "eu" percebe o outro por analogia de si, ou seja, na medida em que percebe os corpos viventes e a semelhança ao próprio corpo vivente (*Leib*). É essa afinidade que fundamenta o ato intencional da consciência, a entropatia, ou seja, a vivência que dá ao eu o outro enquanto outro.

Isso ajuda a compreender por que Ales Bello divide a problemática do mundo, enquanto mundo da experiência, a partir de duas vertentes: a fundamentação das ciências e a análise do mundo enquanto pura experiência. Husserl aponta que as ciências de seu tempo falhavam em sua fundamentação ao dar como pressuposto o mundo, como mundo da experiência. Por isso, o filósofo se preocupa em fazer uma teoria do conhecimento que busque compreender o mundo

pré-científico. Trata-se de uma releitura, a partir da tradição filosófica, de Descartes e Hume, recolhendo do primeiro a importância da subjetividade e do segundo, conforme sugere Ales Bello, a suspeita de que tudo o que provenha da razão seja positivo. Em outras palavras, Husserl abre espaço para evidenciar a importância das vivências e do mundo da vida na sua compreensão mais fundamental. Isso configura a fenomenologia como ciência a priori, de modo não apenas a fundamentar as estruturas dos atos de consciência, mas também a dedicar-se às tensões entre totalidade (o mundo) e os conhecimentos singulares, que não alcancem a infinitude.

No final do primeiro capítulo, aparecem os temas da ética, política e religião. Ela destaca que aqui Husserl também se opõe ao naturalismo, propondo a sua superação pelo "amor ético", limitado à racionalidade do dever. Deste modo, o filósofo possibilita a investigação religiosa, mesmo ela não sendo sistematicamente trabalhada por Husserl. No parágrafo 51 de *Ideias*, Husserl define a experiência religiosa, afirmando que a consciência tem uma finalidade, é ordenada a um princípio ordenador, que é teológico, distinto do mundo e da transcendência do mundo relacionada à consciência. Sublinha-se que isso não prova a existência do princípio, mas permite a reflexão sobre a relação imanência-transcendência: Husserl defende a imanência de Deus na consciência absoluta, mas esclarece que essa imanência não é a mesma das vivências.

O segundo capítulo, dedicado a Edith Stein, estabelece os fundamentos de sua antropologia, partindo da concepção husserliana de consciência como corrente de vivências (*Erlebnisstrom*). Stein desenvolve uma visão dinâmica na qual a consciência não é uma caixa que reúne em si as vivências, mas na qual elas constituem, confluindo continuamente uma na outra, o fluxo da consciência. Ales Bello demonstra, nesse sentido, como Stein articula a relação entre ego puro e ego pessoal, enfatizando que este último se configura como pessoa, realmente unitária em um sentido superior, enquanto sujeito de tomadas de posição da vontade, estabelecendo assim os alicerces para a compreensão da pessoa humana em sua totalidade psicofísica.

Identificando em Stein um núcleo da personalidade, no qual reside aquela consistência imutável de seu ser que não é resultado do desenvolvimento, mas que, ao contrário, impõe ao desenvolvimento mesmo um certo andamento, Ales Bello salienta a importante distinção entre desenvolvimento e maturação da alma, bem como a relação entre identidade pessoal e corporeidade. Destaca ainda como Stein utiliza exemplos concretos da experiência consciente para ilustrar a complexidade e a estratificação de camadas presentes no ser humano, estabelecendo uma fenomenologia da interioridade que reconhece tanto a superfície quanto a profundidade da vida psíquica. Sintetiza, por fim, a visão de Edith Stein acerca da estrutura humana, destacando o modo como o ego, a alma, o espírito e a pessoa estão em evidente e estreita relação. Encerra a primeira parte do capítulo enfatizando como Stein concebe o ego como ente cujo ser é vida, habitando corpo e alma, mas identificando na parte interior da alma o lugar onde se manifesta o espírito, revelando aqui sua semelhança com Deus. Esta concepção articula hierarquicamente as dimensões humanas sem fragmentá-las, mantendo a unidade da pessoa.

A segunda parte do capítulo aborda o conceito de entropatia, ressaltando a originalidade da abordagem de Stein, que vê na entropatia a base para uma clara distinção entre os sujeitos, permitindo que os seres humanos mantenham a sua individualidade, ligada profundamente à sua corporeidade. Esta análise estabelece os fundamentos para a compreensão de Stein acerca da intersubjetividade e da vida comunitária. Nesse cenário, Ales Bello explora o que denomina de "filosofia política" de Stein, que concebe o Estado como uma realidade orgânica.

A terceira e quarta parte deste capítulo abordam a relação da filosofia de Stein com a fé a mística. Sobre a relação entre razão e revelação, Ales Bello destaca a convicção steiniana de

que a verdade revelada pode prestar um auxílio nas dificuldades filosóficas. Stein defendia que a filosofia pode refletir sobre o valor de si mesma, de seus próprios procedimentos e de outras coisas que fogem de seu campo de ação, como, por exemplo, o conteúdo da revelação, propondo uma integração harmônica entre fé e razão, o que caracteriza sua filosofia madura.

Na aplicação do método fenomenológico à experiência mística, Stein encontra a confirmação para suas análises da interioridade: a experiência mística não representa uma fuga, mas uma potenciação de si guiado por uma força que o supera. Esta abordagem permite analisar fenomenologicamente textos como o *Castelo Interior*, de Santa Teresa d'Ávila, vendo nele uma confirmação da complexidade da vida interior que a fenomenologia havia antecipado. A leitura de Stein dos mestres carmelitas destaca como o ponto de chegada não é o êxtase entendido como perda de si, mas, ao contrário, como potenciação de si. Sobre esse tema, Ales Bello ressalta a contribuição original de Stein ao demonstrar como a filosofia, como fenomenologia, realiza pontualmente o seu trabalho de descrição essencial do fenômeno da mística, colhendo a fundamental relação entre o ser humano e a alteridade divina, fechando assim o círculo hermenêutico que une fenomenologia, antropologia e experiência religiosa.

O terceiro capítulo, dedicado a Hedwig Conrad-Martius, mostra, em primeiro lugar, como gradualmente se deu seu distanciamento do projeto husserliano, embora não o abandone completamente. Na verdade, essa discípula de Husserl buscou conciliar a fenomenologia de seu mestre com as ciências naturais, propondo um novo modo de conceber e interpretar a realidade. Sua filosofia vai em direção à construção de uma fenomenologia realística:

> O "realismo" dessa posição nasce justamente do desejo de "seguir" o dar-se das "coisas", em lugar de impor a elas categorias conceituais que as enquadram e as determinam. Nisto reside a atitude fenomenológica, que se torna concretamente operante através da investigação que se desenvolve por sucessivos aprofundamentos (Ales Bello, 2025, p. 196).

Ainda na primeira parte do capítulo, Ales Bello mostra como Conrad-Martius buscou distinguir ser real e ideal: este está relacionado à causa formal das coisas e aquele se faz presente na facticidade. A entidade real, nesse sentido, é a totalidades desses dois aspectos. A ontologia de Conrad-Martius objetiva, portanto, descobrir o que fundamenta a determinação do mundo real em todas as suas configurações para que, de fato, ele aconteça. Nesse ponto, ela se aproxima da escolástica medieval, tratando o real como efetivador da essência, com uma ênfase no uso metódico da intuição, o fenômeno primário da realidade. Esboça-se, assim, uma tensão entre idealismo e realismo: para Conrad-Martius, Husserl deixou de lado a facticidade, de modo que não se nota em sua fenomenologia a correspondência entre ser noemático e ser factual. Por isso, ela reivindicou o ponto de vista realista, assumindo, que existe algo além do sujeito que fala, logo, que deve haver uma distinção entre quem fala e aquilo de que se fala. Há autonomia do mundo em relação ao sujeito, o que valida as investigações autônomas da física e da biologia, como ciências da natureza, e, ao mesmo tempo, as torna próximas da filosofia, como ciência da do real.

A segunda parte do capítulo segue justamente a defesa do realismo essencial por Conrad-Martius, destacando seu esforço por conciliar cientificismo moderno e filosofia. Em resposta ao novo modo de ciência mecanicista da natureza, ela busca suscitar uma visão/tarefa ontológica na ciência: "se a tarefa da ontologia é aquela de descobrir a constituição essencial do ser real, pode-se perguntar, então, com relação ao conhecimento da natureza, qual é a contribuição da pesquisa científica para que isso aconteça" (Ales Bello, 2025, p. 218).

Já a terceira parte explora a origem do ser humano, dando seguimento ao final da segunda parte, que aborda o evolucionismo biológico. Nesse ponto, Ales Bello apresenta a crítica de

Conrad-Martius acerca do elo faltante pautado pelo darwinismo e neodarwinismo: para ela, o elo faltante não justifica o surgimento do ser humano, pois isso implica uma mudança qualitativa não justificada pela mutação causal no decorrer da evolução. Seu argumento diz que houve uma ruptura de continuidade, cuja origem é um mistério para a ciência biológica. Por isso, investigar a origem do ser humano não exige apenas a ciência biológica, mas uma ciência transfísica, que ultrapassa e não se limita ao físico, à matéria e é capaz de abordar o ser. Porém, não se pode (re) cair na redução cartesiana e pensar apenas alma e corpo. Por isso, sua proposta é pensar uma alma intelequial, organizada em quatro partes: corpórea, corpóreo-psíquica, afetiva e espiritual. Trata-se de um princípio dinâmico e organizacional que visa garantir a unidade espiritual e corporal do ser humano. Com isso, a filósofa discute três aspectos formativos do ser humano: corpo vivente (*Leib*), psique (*Seele*) e espírito (*Geist*). Isso reafirma a dimensão transfísica e uma conexão do sujeito com o mundo do qual é distinto e no qual está imerso.

Nas raízes da fenomenologia se apresenta como uma obra capaz de contextualizar, delimitar, explicar e relacionar diferentes filosofias tanto quanto de instigar o pensar com e a partir de Husserl, Stein e Conrad-Martius. Assim, a obra convida o(a) leitor(a) a retomar as questões fenomenológicas a partir de novas perspectivas, mostrando como cada autora amplia e enriquece o legado husserliano. A leitura se encerra apontando para a força viva da fenomenologia, que permanece atual ao provocar um pensar rigoroso, compartilhado e sempre retomado em sua vivacidade.

Referência

Ales Bello, A. *Nas raízes da fenomenologia*: introdução à fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein e Hedwig Conrad-Martius. Tradução de Ademir Menin, Cleiton Santana, Márcio Luiz Fernandes. São Paulo: Ideias e Letras, 2025.

Agradecimentos

Agradecemos à editora Ideias e Letras por gentilmente ter cedido os exemplares necessários para a realização deste trabalho.